

PRÉ-MODERNISMO

Criado por Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), o termo *Pré-Modernismo* deve ser entendido, consoante a definição de Alfredo Bosi, em dois sentidos, que nem sempre coincidem: "1.º) dando ao prefixo 'pré' uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2.º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista".⁶² Tendo em vista simultaneamente esses dois aspectos, escolhemos para o presente capítulo poemas de dois autores que, a nosso ver, representam perfeitamente a fase pré-modernista no Ceará: Mário da Silveira e Leão de Vasconcelos.

MÁRIO DA SILVEIRA

Nasceu em Fortaleza, no dia 17 de setembro de 1899, vindo a falecer em 22 de julho de 1921, assassinado na Praça do Ferreira. Trabalhou algum tempo na imprensa carioca (inclusive n' *A Pátria*, de João do Rio) mas, voltando ao Ceará, mergulhou de tal forma nas letras que chegou a negligenciar o lado prático da vida. Conseguiu porém invejável cultura, demonstrada pelas poucas conferências que proferiu. Publicou *No Silêncio da Noite* (1916); postumamente os amigos reuniram poemas e prosa em *Coroa de Rosas e de Espinhos* (1922), prefaciado por Antônio Sales.

OLHOS

Olhos anadiomênicos e puros

— *Funda eclosão de dores e de crenças* —

*Surgindo claros, ressurgindo escuros,
Como as estrelas da amplidão suspensas.*

*Neles, ó Gnose, toda te condensas,
E condensas passados e futuros
Sonhos, na luz de lâmpadas intensas,
Longe dos feios atascais impuros.*

*Nada de fortes erupções, de anseios,
De lampejos coléricos, medonhos,
Nem de sirtes, de pegos, nem de abrolhos.*

*Olhos r epletos, olhos sempre cheios
Do votivo esplendor dos grandes sonhos!
Tu tens, decerto, o coração nos olhos!*

COROA DE ROSAS E DE ESPINHOS

10.º

*Sedenta de ódio, cega de despeito,
Nesta penosa e transitória lida,
A alma dos homens, pérfida e atrevida,
Perde às cousas mais nobres o respeito.*

*Dizem: "Tudo o que sentes no teu peito
Há de um dia passar, — porque na vida
Tudo é incenso sutil, poeira diluída,
O que é terreno é efêmero e imperfeito.*

*Um grande amor é como o resto... A gente
Quando menos espera, logo sente
Apagar-se o clarão da ignota chama."*

*Eu sei que tudo é como o fumo leve:
Foge: mas, porque a vida seja breve,
Há sempre um dia mais para quem ama.*

LAUS PURISSIMAE

Ao Mediterrâneo, o grande mar sempre novo, como uma oferta à Beleza justa e insuperável, o meu canto novo.

I

*Para louvar-te,
Para dizer da tua Forma, eu deixo
Minhas antigas bárbaras roupagens
De grego jônico, e venho
Como um dórico,
Num metro novo,
Numa nova expressão de arte quase intangível,
Platonicamente serena
(Que é o sonho louco dos mediterrâneos)
Venho, repito,
Para eterno ciúme dos Deuses,
Anunciar a todos os estetas
Que nem tudo se foi da Beleza-Perfeita;
Que tu chegaste, ó minha Palas-Atenas,
Ó Suma-Reveladora,
Ó Quase-Fluida! Ó Leve! Ó Subjetiva!*

II

*Que seja o mono-ritmo do Teu canto,
Na sinfonia do meu plectro, o epinício
Da essência espiritual das cousas,
Imponderável e impenetrável,
Impenetrável como harpa etérea
Tangida pelas mãos de arcanjos bíblicos,
— Harpa estranha em que se alam,
Num desmaio de véus harmoniosos e claros,
Numa oblata elegíaca,
Numa canção misteriosa e lenta,
Todos os desejos purificados,
Todas as dores desconhecidas,*

*Todas as fortes alegrias,
A Eucaristia do Fogo,
A Bênção da Água,
O Dever do Homem Novo
E a sagração Augusta da Montanha!*

III

*Ó Milagrosa, Ó Trimagista,
Ó Toda Feita de Asas Tênuas
(Peplos abertos no ar, longos braços abertos
Para o recolhimento dos que sofrem!)
Magnífica e excelsa,
Sem cor, sem forma e sem nome,
Tal se do Incorpóreo, um dia,
(Um dia, não! que o tempo efêmero não sabe!)
— Onda sonora — viesses,
Misericordiosamente viesses
Derramar sobre a minha cabeça
Uma coroa de notas célicas!
Ó Hermética!
Tu só realizas
O delicioso milagre de ser bela
Na volúpia divina de ser justa!*

IV

*Ó Incorrúptível e Única,
Faze que a terra enferma do meu corpo
Toda se apague:
Faze que o ritmo estranho do meu verso
Seja a grande Harmonia,
Em que, de esfera a esfera,
O Universo semelha uma nota perdida,
E o homem, o Imperativo eterno do Universo;
Faze que assim cheio de tua graça,
Cheio do teu respeito,
O joelho em terra, a face aberta, o ombro pendido,
Olhos cerrados, ó Perfeita,*

*Para que sejas sempre inviolável,
Eu te reacenda dentro dos meus olhos,
E alçando as mãos votivas,
Desfolhando rosas anêmicas, ⁶³
Divinamente humano,
A boca trêmula, murmure:*

LAUS PURISSIMAE!

(Mário da Silveira. **Coroa de Rosas e de Espinhos**. Fortaleza, Est. Gráfico A. C. Mendes, 1922, pp. 25; 18; 32-5.)

Mesmo nos sonetos, nada ou quase nada podemos vislumbrar de Parnasianismo: a dicção e o vocabulário do poeta já são bem diferentes do que é comum encontrar na poesia de seu tempo. Na verdade, talvez a classificação mais justa para Mário da Silveira fosse a de simbolista. Como, porém, inaugurara atitudes que marcarão a primeira fase do Modernismo no Ceará, preferimos chamá-lo de pré-modernista, mesmo porque não se pode esquecer, no plano nacional, o quanto deveram os primeiros modernistas aos derradeiros simbolistas. Mas o poeta aqui apresentado é acima de tudo um clássico, se isso não vai constituir paradoxo: como a poesia de Raul de Leoni, a sua é ao mesmo tempo clássica e renovadora. Os dois sonetos aqui transcritos tornaram-se antológicos: "Olhos", onde se verifica a cunhagem do vocábulo *anadiomênico*, oriundo de Anadiomene, um dos nomes da deusa Vênus, já revela a tendência racionalista do poeta, pela alusão à Gnose, ou seja, o saber por excelência, a ciência superior. No soneto 10.º da "Coroa de Rosas e de Espinhos", encontramos talvez seu melhor momento em poesia: é um daqueles sonetos que podemos chamar de perfeitos, pela harmoniosa distribuição do tema ao longo dos 14 versos; sente-se que, nele, nada sobra ou nada falta; note-se que, mesmo tratando de amor, o que ressalta é a serena elevação moral do poeta. Seu poema capital, todavia, é o "Laus Purissimae", pelo que veio trazer de inovação à poesia no Ceará: trata-se de poema

polimétrico, mas convém lembrar que alguns versos não seguem esquemas rígidos, sendo, portanto livres: *Numa expressão de arte quase intangível*, por exemplo, tem 10 sílabas, mas falta-lhe a acentuação dos decassílabos regulares, sáficos ou heróicos; a não ser que o consideremos um verso provençal, com ictos nas sílabas 4.^a e 7.^a; também não é regular o octassílabo *Platonicamente serena* nem o verso *Para o eterno ciúme dos Deuses*, que pode comportar várias medidas, dependendo dos hiatos; tampouco este outro, de 11 sílabas: *Que tu chegaste, ó minha Palas-Atenas*. Na 2.^a estrofe há outro de 11 sílabas, mas com acentuação diversa: *Na sinfonia do meu plectro, o epinício*. Este, de 10 sílabas: *Todos os desejos purificados*. E não citamos todos os versos irregulares do poema. Tudo isso demonstra que o poeta já começava a libertar-se não somente do metro regular, mas também do poema polimétrico, por muitos erroneamente chamado de poema em verso livre. “*Laus Purissimae*”, com sua profusão de maiúsculas e sua espiritualidade platônica, em seu prenúncio de Modernismo, pende muito mais para o Simbolismo do que para outra qualquer estética. Quanto aos pontos de contacto entre o poeta cearense e o citado Raul de Leoni (e que assinalamos no ensaio “*Mário da Silveira e o Movimento Renovador da Poesia no Ceará*”, *O Povo*, 18.11.72, p. 17), podem ser melhor compreendidos com base nesta preciosa informação de Mário Linhares: “Conheci Mário da Silveira em 1919, quando regressava ele de um passeio ao Rio de Janeiro, onde se unira a Ronald de Carvalho, Raul de Leoni e outros, na campanha pelo renovamento das letras brasileiras.”⁶⁴ O que de maneira nenhuma diminuirá o valor do nosso poeta, legítimo renovador da poesia no Ceará e um dos seus maiores cultores.

LEÃO DE VASCONCELOS

César Carneiro LEÃO DE VASCONCELOS — Nasceu em Fortaleza, no dia 17 de março de 1898, e faleceu no Rio de Janeiro, para onde logo se transferira, e onde se destacou na advocacia, chegando a Consultor Jurídico do Ministério

da Fazenda. Publicou: *Poemas Para Esquecer* (1919), *Ritmo Bárbaro* (1920), *Canto Novo do Meu Amor* (1921), *Tatuagens Sentimentais* (1925), *Nossa Senhora da Ausência* (1930), e *Caminho Sem Fim* (1957). Alguns livros tiveram várias edições, sendo traduzido o 4.º para o espanhol.

IN SOLITUDINE

*Quando o jardim se ensombra e a noite desce,
Deste fogo, que em vão julguei sepulto,
Sinto que a extinta chama reaparece...
E o incenso em espirais sobe a teu culto...*

*Desde que vi o teu sereno vulto
Vivo assim, de mãos postas, numa prece!
Mas enquanto por ti anseio e exulto,
— Teu corpo — imenso lírio — alto, floresce...*

*Passaste em tua glória e não me viste.
E hoje até mesmo do meu ser prescindindo
Para rever-te o olhar sereno e triste.*

*E por te desejar numa ânsia louca,
À noite sonho que tu vens sorrindo
Povoar de beijos minha fria boca...*

SOBRE UM PRELÚDIO DE CHOPIN

*Com teus dedos levíssimos e brancos,
Dentro da tarde cismarenta e triste,
O alvo teclado de marfim feriste!
E um prelúdio velado, num queixume,
Voou, leve e sutil, como o perfume
Dos teus dedos levíssimos e brancos...
Dir-se-ia a tarde, em tuas mãos, morrendo!*

*Ou que uma voz serena, em notas quérulas,
Subia da alma azul das tuas pérolas,
A contar, na doçura vespertina,
A saudade da concha nacarina...
Dir-se-ia a tarde, em tuas mãos, morrendo...*

*Nunca mais me esqueci desse prelúdio
Que os teus pálidos dedos, levemente,
Tiraram do teclado, amplo e silente,
Numa ânsia comovida, num queixume...
Levíssimo, dir-se-ia o teu perfume,
Ou a tarde a morrer em tuas mãos...*

CANTO DO PEREGRINO

*“Para louvar-te
Em versos de arte
A estreme beleza,
Vim de longe — ó Princesa!*

*Chegou no meu tugúrio a fama de teu nome!
E eu parti, lira às mãos, ardendo em sede e fome,
Para ver-te e contar a todos os mortais
A beleza sem par de teus olhos fatais,
Do teu perfil sereno de medalha,
Do teu sorriso trêmulo e divino...
Acolhe a prece, pois, do peregrino...*

*Vim de longe e parei ante a forte muralha
Do teu castelo, o rosto exangue...
Em sangue da jornada os pés, as mãos em sangue...
E exposto ao vento e à chuva espero que apareça
O sol para esfolhar sobre a tua cabeça
As rosas que colhi no meu triste caminho,
Deixando algo de mim em cada espinho*

*Por onde, só, passei, deslumbrado a cantar
Atrás de uma quimera...*

*E, ó Princesa! já choram, a tua espera,
Os meus olhos cansados de sonhar..."*

(Sales Campos. *A Poesia Cearense no Centenário*, cit., pp. 182, 185, 186-7.)

Transferindo-se muito cedo para o Rio de Janeiro, somente na então Capital da República, iria Leão de Vasconcelos produzir poemas onde apresentaria maior identidade com o movimento modernista. Ainda assim, seria citado por Agrippino Grieco entre aqueles que "põem emoções românticas em estrofes polirrítmicas, mostrando a mesma alma cativa de 1830 no versos livres de 1930." ⁶⁵ Nos poemas que escolhemos para esta crestomatia, todos extraídos da antologia organizada por Sales Campos em 1922, cremos fundamentar nossa opinião segundo a qual é o poeta, no Ceará, representante dessa fase de transição que seria chamada de Pré-Modernismo: é que mesmo através do soneto já vamos presenciar uma dicção bem distante do rigor parnasiano, aproximando-se muito mais do clima simbolista, em muita coisa precursor do Modernismo (pelo menos de uma ala, como se sabe). É o caso de "In Solitudine", com seu jardim ensombrado, incenso em espirais, prece, e mais esse corpo-lírio florescendo. "Sobre um Prelúdio de Chopin", vazado igualmente em versos decassílabos, mais se distancia da escola dominante então, o Neoparnasianismo, e lembra, ao contrário, aquele penumbrismo que enforma inúmeros poemas de Ribeiro Couto e de Olegário Mariano, no que eles têm de mais crepuscular; note-se a liberdade no emprego da rima, notadamente na derradeira estrofe. O "Canto do Peregrino", que a princípio promete certo polimetrismo, abriga versos alexandrinos e decassílabos em sua maioria, não desdenhando a rima; às vezes lembra versos de Mário da Silveira, que entretanto foi mais renovador em seu tempo.